

M. Jesus Sanches • J. P. Cunha-Ribeiro • S. Monteiro-Rodrigues  
(Coordenadores)

Índice

# Discursos em Arqueologia

Textos oferecidos ao Professor Vítor Oliveira Jorge

## 1. PERCURSOS TEMÁTICOS

A Contribuição de Vítor Oliveira Jorge para os Estudos de Património em Portugal João Pedro Cunha-Ribeiro, José Manuel Sérgio Monteiro-Rodrigues	13
Relembra-se Jorge de Albuquerque, um pioneiro de arqueologia novata na prática dos estudos de arqueologia em Portugal Luís D'Almeida	33
Reflexões sobre a arte das diferenças e propósito de educação do património na arqueologia Vítor Oliveira Jorge das mãos de estudantes de investigação e suas aprendizagens Marta de Jesus Sanches	43
Castanheiro do Vento: Uma iconografia de discursos interpretativos Júlia Moreira Cardoso	67
“Um Símbolo Para Amuleiros?” Breve reflexão em honra de Vítor Oliveira Jorge sobre as culturas arqueológicas Ana Vitor Leiria M. P. Sousa	86
V. O. Jorge, reflexões de arqueologia: Inês R. de Sálon Caldeira e P. Paulo Ramalho	105
Vítor Oliveira Jorge o autor Domingos Cruz	117

## Índice

Prefácio .....	7
----------------	---

<i>Uma carreira em torno da Pré-história em tempos de mudança</i> João Pedro Cunha-Ribeiro .....	9
-----------------------------------------------------------------------------------------------------	---

### 1. PERCURSOS TEMÁTICOS

<i>A Contribuição de Vítor Oliveira Jorge para os Estudos do Paleolítico em Portugal</i> João Pedro Cunha-Ribeiro; José Meireles; Sérgio Monteiro-Rodrigues .....	19
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

<i>Relembrar a Serra da Aboboreira: um projecto de arqueologia inovador na génese dos estudos de antracologia em Portugal</i> Isabel Figueiral .....	33
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

<i>Reflectindo sobre a arte dos dólmenes a propósito da evocação do contributo que o arqueólogo Vítor Oliveira Jorge deu para os estudos do megalitismo e suas iconografias</i> Maria de Jesus Sanches .....	43
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

<i>Castanheiro do Vento: Uma historiografia de percursos interpretativos</i> João Muralha Cardoso .....	67
------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

<i>"Que Significa Fazer Arquitectura?" Breve incursão em textos de Vítor Oliveira Jorge através da palavra arquitectura</i> Ana Vale; Lesley McFadyen .....	95
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

<i>V. O. Jorge: relaciones de arqueología ibérica</i> R. de Balbín Behrmann; P. Bueno Ramirez .....	105
--------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

<i>Vítor Oliveira Jorge: o editor</i> Domingos Cruz .....	111
--------------------------------------------------------------	-----

**2. ARQUEOLOGIA E POESIA**

- A arqueologia entre as artes de suspender o mundo*  
Sérgio Alexandre Gomes ..... 121
- Quando os rios secos de outrora correm a direito*  
Maria João Cantinho ..... 129

**3. PARA VÍTOR OLIVEIRA JORGE**

- Archaeology and the Politics of Tradition*  
Julian Thomas ..... 135
- Sobre o que é o homem*  
Eugénia Cunha ..... 147
- Uma campanha alfacinha – convergências na arqueologia para ir sempre mais além*  
Luiz Oosterbeek ..... 155
- Homo qua Homo. O lugar singular de um corpo aprisionado.*  
*A obra O Aberto de Giorgio Agamben no contexto da relação entre*  
*homem e natureza, homem e técnica e entre natureza e história*  
Joana Alves-Ferreira ..... 167
- O Povoamento de Portugal, da Época Romana à Alta Idade Média*  
Jorge de Alarcão ..... 189
- Onde a cidade se encontra com a sua construção: passados e passos estratigráficos*  
Maria da Conceição Lopes ..... 199

**4. IMAGENS DO PERCURSO ..... 209**

## Castanheiro do Vento: Uma historiografia de percursos interpretativos

João Muralha Cardoso

Bolseiro de pós-doutoramento da FCT. Investigador do CEAUCP. [jmuralha@gmail.com](mailto:jmuralha@gmail.com)

### 0. As citações...

*"The archaeological reality is the universe of things that we consider archaeological. To be or not to be included in that reality depends on the epoch of the archaeologist, on his/her approach, i. e. on his/her way of looking at reality, on the paradigm that shapes his/her way of looking."* (Jorge, Vítor Oliveira 2006/2007: 295)

*"Archaeology is obviously an intertwining of practice and theory, and any kind of hyper valuation of one of these artificial polarities is unprofitable for the future of the discipline and for the active learning process in which we need to involve our collaborators and students (...)"* (Jorge, Vítor Oliveira 2006: 7)

*"When we, as modern archaeologists, finally assume as common evidence that monuments, landscapes, environments, memories (not static, but as dynamic realities, of course) are a unit, that they must be understood as a whole – this is exactly when we notice the rapid transformations of all these potential "networks", and the sudden amputation of entire areas of the territory which should have been documented first. This is not a nostalgia of the past: this is a political criticism of what is happening here and now."* (Jorge, Vítor Oliveira 2006: 7)

"(...) human action and thought are not complementary, but one and the same." (Jorge, Vítor Oliveira 2006: 206).

"To a point, building in the world was a way of dwelling in it, of giving it (including collective action) a meaning. But that meaning was probably not verbally expressed in many cases; it was just made, put into existence. So, community (social cohesion) and space (net of mnemonics for oriented action) were "built" together, as the same process, simultaneously involving identity and alterity." (Jorge, Vítor Oliveira 2006: 218).

"(...) it seems not enough to say that the continuous process of dwelling is a reciprocal interaction of people, or human beings, and their environment. We need to face a fundamental problem to understand that (including the action of building): in which regimes of sociality were people acting? What kind of human beings were "they"? This means enlarging the frontiers of sociology, history, anthropology, philosophy, etc., avoiding the simplifications of the nineteenth and the twentieth century's theories." (Jorge, Vítor Oliveira 2006: 209)

"(...) o estabelecimento de conclusões é sempre, apesar da nossa avidez de certeza (a certeza é quase sempre uma condição de sobrevivência), um ponto de passagem precário." (Jorge, Vítor Oliveira 2005: 261)

"For we are made of lines. We are not only referring to lines of writing. Lines of writing conjugate with other lines, life lines, lines of luck or misfortune, lines productive of the variation of the line of writing itself, lines that are between the lines of writing" (Deleuze, Giles e Guattari, Félix 2004 (1980): 215)<sup>1</sup>.

"I have argued (...), that inhabitant knowledge is forged not by fitting the data of the observations into the compartments of a received classification but through histories of wayfaring. To unravel the meshwork, and to reassemble the resulting fragments on the basis of their intrinsic similarities and differences, is to destroy is very meaning and coherence. Rather than treating science and culture as equal and opposite, ranged on either side of an arbitrary division between space and place, and between reason and tradition, a better way forward – I suggest – would be to acknowledge that scientific knowledge of

<sup>1</sup> Deleuze, Giles e Guattari, Félix 2004, *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*, London, Continuum.

*inhabitants, is generated within the practices of wayfaring. For scientists are people too, and inhabit the same world as the rest of us.” (Ingold, Tim 2011: 155)<sup>2</sup>.*

## A Origem do Mundo

De manhã, apanho as ervas do quintal. A terra, ainda fresca, sai com as raízes; e mistura-se com a névoa da madrugada. O mundo, então, fica ao contrário: o céu, que não vejo, está por baixo da terra; e as raízes sobem numa direcção invisível. De dentro de casa, porém, um cheiro a café chama por mim: como se alguém me dissesse que é preciso acordar, uma segunda vez, para que as raízes cresçam por dentro da terra e a névoa, dissipando-se, deixe ver o azul. (Nuno Júdice, *Meditação sobre Ruínas*<sup>3</sup>)

## Metafísica

### 1

Não tenta nada de que se tivesse já esquecido; o seu objectivo, agora, é organizar o presente.

### 2

Com as mãos, procura avaliar a qualidade da terra: se as folhas lhe dão a consistência do ser vivo, ou se a pedra que está por baixo, com os restos fósseis da origem, rompe a sua unidade, e impede o caminho às raízes.

<sup>2</sup> Ingold, Tim (2011), *Being Alive, Essays on movement, knowledge and description*, London, Routledge.

<sup>3</sup> Júdice, Nuno (1995), *Meditação sobre ruínas*, Lisboa, Quetzal editores.

### 3

Os olhos não sabem, ainda, que a visão profunda  
os dispensa. Por dentro, o olhar implica a noite;  
e é da fusão das formas no negro último do céu,  
para além da superfície das estrelas e das nebulosas  
que essa verdade brilha com a sua exacta eternidade.  
(Nuno Júdice, *Meditação sobre Ruínas*)

## 1. Os percursos

A escavação do recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão, e posteriormente os trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento, ao longo dos últimos 20 anos, abriram uma importante frente de investigação e formação no interior Norte do País, por onde passaram vários milhares de estudantes e voluntários.

A investigação realizada sobre estes dois sítios produziu uma importante rutura epistemológica ao nível interpretativo. Existiram problemas sistematicamente repensados e discutidos, novos conceitos foram introduzidos e problematizados e uma certa abordagem metodológica que considerava estes locais como contentores de níveis estratigráficos, que possuíam conjuntos de artefactos integráveis em "fases" histórico-culturais, foi sendo progressivamente posta em causa, especialmente a partir de 1994, permitindo o aparecimento de toda uma nova problemática, não só interpretativa, mas também metodológica que hoje felizmente continua a caminhar.

O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento foi identificado por António Sá Coixão, no decurso de um programa de prospeção que visava a elaboração da carta arqueológica do concelho de Vila Nova de Foz Côa. A primeira recolha de materiais que permitiu identificar este local aconteceu em 1983. Esta descoberta partiu da notícia de um achado de um machado de pedra polida na encosta virada à povoação da Horta do Douro (Coixão 1996: 65). O sítio encontrava-se coberto por grande quantidade de pedras de pequeno e médio porte, materiais arqueológicos como cerâmica, alguma com decoração impressa penteada, lascas em quartzo, e um grande número de elementos de moinho fraturados, sugerindo a existência de estruturas pré-históricas.

No entanto, a primeira referência escrita ao sítio surge no contexto de um trabalho desenvolvido pelo Gabinete de Estudos de Impacto Ambiental do IPPC (Instituto Português do Património Cultural). No final dos anos 80, esse

Instituto constituiu três equipas de arqueólogos que trabalhariam em estreita colaboração com as principais empresas de florestação do território português. Apesar do pioneirismo do projeto em Portugal e da intensa prospeção arqueológica feita nos anos seguintes, não se conseguiu evitar um conjunto de destruições, perpetradas por particulares que não estavam abrangidos por esta ação.

Em Janeiro de 1990, uma equipa de arqueólogos dirigiu-se à região de Vila Nova de Foz Côa, e na propriedade de Vale de Boi, toma um conjunto de medidas de proteção em relação a Castanheiro do Vento. Infelizmente, as máquinas para a plantação de eucaliptos já tinham destruído irremediavelmente toda a encosta e já teriam assolado a estação arqueológica sem a ação de António Sá Coixão que ainda assim, impediu a entrada de maquinaria no topo do cerro. A equipa do Gabinete de Estudos de Impacte Arqueológico conseguiu conter a plantação de eucaliptos numa área circundante ao topo, em 50m. Nesse mesmo ano, no âmbito das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, é publicado um primeiro balanço da atividade das diversas equipas onde se referencia Castanheiro do Vento como um "(...) Povoado fortificado calcolítico de Castanheiro do Vento" (Arnaud, Muralha e Estorninho 1991: 71).

Em 1996, o descobridor da estação arqueológica publica a Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa, onde o referencia. O sítio é igualmente identificado como sendo um "povoado fortificado" do calcolítico. Nessa publicação o autor menciona o montículo contínuo de pedras, que segundo ele, são "(...) restos do amuralhado deste povoado com cerca de 5000 anos" (Coixão 1996: 65).

Nos inícios de 1998 um conjunto de investigadores, liderados por Vítor Oliveira Jorge, João Muralha Cardoso e António Sá Coixão decidem enquadrar Castanheiro do Vento num projeto de investigação, apresentado e aprovado ao Instituto Português de Arqueologia<sup>4</sup>. Esse projeto, com o acrónimo EVASA-FREN<sup>5</sup>, incluía a escavação de Castanheiro do Vento com o objetivo primeiro de comparação, a vários níveis, com Castelo Velho de Freixo de Numão.

---

<sup>4</sup> Até essa data, os projetos de investigação arqueológica desta região focavam maioritariamente a estação arqueológica de Castelo Velho de Freixo de Numão e a área da freguesia de Freixo de Numão. Com este novo projecto, além de Susana Oliveira Jorge que dirigia as escavações em Castelo Velho, Sérgio Rodrigues que iniciou os estudos do Neolítico Antigo do Prazo em 1997 e António Sá Coixão que estudava os sítios arqueológicos de época romana, passaram a constituir, conjuntamente com os elementos que coordenavam a intervenção arqueológica em Castanheiro do Vento, a equipa de investigadores desse projecto.

<sup>5</sup> EVASAFREN, Estudo e Valorização de Sítios Arqueológicos na Área de Freixo de Numão.



Em 1999, a estação arqueológica é, pela primeira vez, apresentada à comunidade científica, no 6th Annual Meeting of European Association of Archaeologists realizado em Lisboa. O texto resultante da apresentação é publicado apenas em 2002<sup>6</sup>, tendo sido no entanto, entregue em finais de 2000. Levanta um conjunto de problemas e questões que não só indiciam, mas preconizam já, uma atitude problematizante em relação ao sítio e às abordagens que este tipo de locais tinha tido na literatura arqueológica. Este pequeno, mas importante texto, coloca em destaque um primeiro programa questionador da estação arqueológica. Como em Castelo Velho de Freixo de Numão, a abordagem já não era de cariz histórico-processualista ou mesmo funcionalista, mas também não era defendido abertamente um novo paradigma. O interesse residia nas problemáticas levantadas.

Como pano de fundo, chamava-se a atenção para o território como um todo, com as suas especificidades naturais, geomorfológicas e as "transformações" que a ação humana produziu ao longo do tempo, acrescentando novas características às já existentes. Aquelas "transformações" em determinadas épocas e em certos aspetos são mínimas, contrastando com outros períodos e particularidades em que o objetivo de construir "paisagens culturais" parece aumentar. Esta situação levantava um conjunto de questões; Quais são os significados possíveis para a ação humana na paisagem? Que papéis desempenharam os seus atores ao marcarem a paisagem, que tipos de comportamento tiveram? Que tipo de mapas mentais foram sendo elaborados para legitimar uma nova ordem social ou para manter a vigente?

Uma certeza ainda hoje partilhada relaciona-se com a explicação destes locais como "povoados fortificados". Abandona-se desde o início do estudo a tradicional conceptualização "militarista" que aquela expressão sugeria. Avançava-se com a hipótese, de que estes sítios, (incluindo Castelo Velho de Freixo de Numão), seriam uma espécie de "lugares centrais", que desempenhariam uma grande variedade de papéis. A nossa tarefa enquanto arqueólogos seria tentar reconstruí-los na sua história arquitetónica e enquanto cientistas sociais, tentaríamos perceber qual a sua contribuição para o processo de negociação contínua de estruturação daquelas comunidades (Jorge, Coixão, Muralha Cardoso e Pereira 2002: 48).

A longo prazo, o estudo devia refletir sobre a lógica de ocupação e "transformação" do território pelas comunidades. A paisagem calcolítica não

---

<sup>6</sup> JORGE, V. O., COIXÃO, A. S., CARDOSO, J. M. e PEREIRA, L. S., (2002), "Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper and Bronze Age sites in northern Portugal", *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*, ed. Chris Scarre, Londres, Routledge, pp. 36-50.

seria apenas composta por sítios altos e proeminentes, localizados em esporões, implantados no topo de cerros ou em cumes graníticos. Sentia-se a necessidade de estudar toda uma região para melhor nos apercebermos dos processos de ocupação de um território no 3.º milénio AC.

Outro ponto importante abordado neste artigo, relacionava-se com a necessidade de olhar estes locais como sítios de exceção e não como a regra, ou seja, como um sítio extraordinário não só devido à sua posição dominante na paisagem mas também devido ao grande esforço necessário à sua conceção, “construção” e manutenção. Para percebermos este contexto teríamos de nos afastar de uma visão de cariz funcionalista. Quando se olha para recintos como Castanheiro do Vento, torna-se necessário pôr em causa ideias processualistas há muito aceites, e que explicavam estes recintos através duma perspectiva essencialmente defensiva, só tendo qualquer utilidade em relação a processos militares e logísticos. As comunidades construtoras destes recintos seriam sociedades que viveriam num estado endémico de guerra. Avançava-se a hipótese de estes sítios terem mais a ver com uma divisão simbólica do espaço entre áreas domésticas e áreas selvagens, entre povoado e natureza entre um dentro e um fora, entre um domínio seguro e um domínio inseguro (Jorge, Coixão, Muralha Cardoso e Pereira 2002: 48). Estas questões dicotómicas foram, no entanto, rapidamente ultrapassadas. Leituras e reflexões posteriores, assim como a continuação dos trabalhos de escavação, levam a equipa de coordenação a seguir outras direções, enunciar outras problemáticas e a apontar outras interpretações.

Sugeria-se ainda nesse artigo, que essas comunidades sentiam a necessidade de organizar o espaço à sua volta e essa organização e reorganização contínua, sugerida pelos trabalhos de escavação, era uma forma de “desenhar e redesenhar o seu mundo,” fazendo arquitetura, criando espaços. Esta seria a função da arquitetura, seja de uma forma minimal, utilizando a topografia, seja de uma forma monumental, adicionando elementos construtivos ao terreno. Nesse trabalho avançava-se ainda a ideia de que existiria a necessidade de instalar uma ordem na natureza, concordante com uma representação do mundo e da sociedade. Assim se poderia explicar o grande dispêndio de esforço na construção destes monumentos.

Concluía-se com um conjunto de ideias que necessariamente careciam de desenvolvimento e reflexão posterior; seriam símbolos de prosperidade, marcos de identidade no território, locais de reunião de pessoas em determinadas alturas do ano. Provavelmente, viveriam nesses monumentos uma pequena elite que controlaria as ações acontecidas no sítio, controlariam bens e, em períodos de conflito poderiam servir como refúgio, mas não sendo essa a sua função

principal. Eram locais constituintes de identidades, pontos de referência para serem vistos à distância, teriam um papel identitário (Jorge, Coixão, Muralha Cardoso e Pereira 2002: 49).

Na campanha de escavações de 2000, Leonor Sousa Pereira foi integrada na equipa de coordenação dos trabalhos. É igualmente neste ano que se recebe a participação dos primeiros estudantes da licenciatura em Arqueologia ministrada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em regime de avaliação, tornando-se a partir de então um pólo de ensino de carácter prático. Nota-se a partir de então, o progressivo interesse de alguns alunos do curso de Arqueologia pela estação arqueológica que resultou na apresentação de relatórios finais de licenciatura<sup>7</sup>.

É neste mesmo ano publicado na revista *Era Arqueologia*<sup>8</sup>, um interessante artigo de reflexão sobre a monumentalização das paisagens durante a pré-história. Apesar de apenas lateralmente, se referir ao sítio arqueológico de Castanheiro do Vento, possui um conjunto de considerações que trazem novas e outras ideias ao processo interpretativo não só daquele sítio como de Castelo Velho de Freixo de Numão. O pensamento mais interessante relaciona-se ao objeto da arqueologia;

*"(...) pois que o objecto da própria arqueologia é a paisagem inteira, onde todo o tipo de vestígios da ocupação humana se insere."* (Jorge S. e Jorge V. 2000: 108).

A escala interpretativa alarga-se à escala da paisagem.

Tendo em consideração a crescente importância do sítio, quer em termos das estruturas e materiais encontrados, quer em relação às potencialidades futuras de trabalho, a equipa de coordenação decidiu propor a sua classificação como Imóvel de Interesse Público. Este pedido deu entrada na delegação do Porto do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico), em Outubro de 2001. O sítio é finalmente classificado a 13 de Dezembro de 2010 como Sítio de Interesse Público; portaria n.º 1050/2010, DR 2.ª série, n.º 239.

Desde 2002 até aos dias de hoje, os relatórios de escavação são publicados na *Revista Côavisão*, e em 2003, são publicados simultaneamente

<sup>7</sup> Até ao momento foram entregues e defendidos 7 relatórios finais de licenciatura: Rui Pinheiro (2007), Bárbara Carvalho (2006), Adélia Queirós (2006), Clara Gaspar (2004), Gustavo Cunha (2004), Rui Barbosa (2003) e Nelson Borges (2003), objetivando diversos aspetos da estação arqueológica, desde a componente arqueográfica, técnicas de construção e a percepção dada pelo registo gráfico.

<sup>8</sup> Jorge, V. e Jorge, Susana (2000), A "monumentalização" das paisagens durante a pré-história, *Era Arqueologia*, n.º 1, Lisboa, *Era Arqueologia e Colibri*, pp. 100-111.

outros dois textos<sup>9</sup>, de síntese e de problematização. Os autores, além de fazerem um balanço dos conhecimentos até então sobre Castanheiro do Vento, descrevendo as suas estruturas e discutindo a sua cronologia, começam a atribuir uma importância cada vez maior às arquiteturas e aos espaços criados pela diversidade e variabilidade construtiva.

Pretendia-se acentuar a importância de uma arqueologia das arquiteturas pré-históricas, ao nível das suas técnicas construtivas, e referia-se a necessidade de olhar estes sítios numa perspectiva diferente daquela que procurava apenas uma simples determinação de cronologias ou funcionalidades. Em vez disso, torna-se importante compreender que estes “espaços” monumentalizados foram submetidos a sucessivas transformações, com diversos sentidos e significados. Tratava-se de passar de uma arqueologia de “povoados” e das suas “ocupações”, para um estudo dos espaços pré-históricos e das suas estruturações e reestruturações, entendidas aqui como ato social e cognitivamente significantes (2003).

Embora não focando diretamente a estação arqueológica de Castanheiro do Vento, em Janeiro de 2003, é apresentado um trabalho no 1.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica – “Sinais de Pedra”. Essa reflexão, assumidamente problematizante e esquemática, tornou-se um contributo muito importante para a comparação das técnicas de construção e de organização do espaço relativamente aos recintos murados e aos chamados monumentos “funerários” megalíticos. Mais uma vez concluiu-se chamando a atenção para a necessidade de olhar estes sítios

*“(...) como um sistema – mutável ao longo do tempo, claro – de transformações arquitetónicas, e de deposições (de diversos tipos de objetos) (...). Não os podemos observar como cenários de vida quotidiana, entendida nas suas atividades de pura sobrevivência – seria uma projeção no passado da nossa mentalidade funcionalista” (Jorge S., Jorge V., Cardoso J. M., Pereira L. S e Coixão, A. 2005: 116)<sup>10</sup>.*

<sup>9</sup> Jorge, Vítor Oliveira, Cardoso, João Muralha, Pereira, Leonor Sousa e Coixão, António Sá (2003), Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998-2002); *Journal of Iberian Archaeology*, Vol. 5 e Jorge, Vítor Oliveira, Cardoso, João Muralha, Pereira, Leonor Sousa e Coixão, António Sá (2003), “A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (V.ª N.ª de Foz Côa)”, Recintos Murados da Pré-História Recente, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, pp. 79-114.

<sup>10</sup> A edição aqui citada é a inglesa publicada no *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 7, pp-101-124. A tradução é nossa.

No ano de 2003, é defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, uma tese de mestrado<sup>11</sup>, que tinha como objetivos não só a análise da componente artefactual recolhida nos anos de 1998, 1999 e 2000 como o estudo de uma estrutura sub-circular.

Este trabalho discutia algumas problemáticas sobre a inserção espacial de Castanheiro do Vento. A autora orienta o seu trabalho num grande vetor; a arquitetura como

*“(...) um meio de organização do espaço, e a arquitetura monumental [de Castanheiro do Vento e Castelo Velho de Freixo de Numão] é acima de tudo um símbolo de poder, de coesão social e um elemento identitário”* (Vale 2003: 20).

A autora também abandona, na linha de Susana Oliveira Jorge, Vítor Oliveira Jorge, João Muralha e Leonor Sousa Pereira, a expressão “povoados fortificados”, essencialmente devido às limitações interpretativas que aquele conceito impossibilitava. Nesse mesmo ano, a autora dessa dissertação, Ana Margarida Vale, junta-se à equipa de coordenação o que acontece igualmente com Gonçalo Leite Velho em 2007.

É igualmente no ano de 2003 que, Vítor Oliveira Jorge lança o livro *Olhar o Mundo como Arqueólogo*<sup>12</sup>. As reflexões aí produzidas, especialmente no Parte III remetem-nos para um conjunto de sugestões interpretativas que tiveram a sua primeira abordagem em artigo já citado (Jorge, S. e Jorge, V. 2000). Nesta Parte III acentua-se o carácter importante da chamada “arqueologia dos monumentos” como descontinuidade de um *continuum* que é o território. Os monumentos, os sítios arqueológicos que hoje consideramos monumentos são encarados como algo em que se inscreve um sentido intencional (Jorge 2003: 192). A escala da paisagem torna-se cada vez mais presente:

*“Antes da ocorrência e expansão (onde elas se deram) das instituições estatais, burocráticas, coercivas, destinadas a exercer o poder sobre regiões muito amplas, onde as relações de vizinhança não podiam mais operar, um dos grandes reguladores da ordem (no sentido de serem os seus construtores e mantenedores), era o próprio espaço vivencial, quotidiano, com os homens e os animais, os acidentes naturais e os volumes acrescentados, os percursos*

<sup>11</sup> Dissertação de Ana Margarida Vale, orientada por Vítor Oliveira Jorge, intitulada *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.º N.º de Foz-Côa), Contributo para o Estudo dos Resultados das Primeiras Campanhas de Trabalho (1998-2000)*.

<sup>12</sup> Jorge, Vítor Oliveira, (2003), *Olhar o Mundo como Arqueólogo*, Coimbra, Quarteto.

*e os trajectos, os estados de tempo e as modificações das paisagens, a abundância de uns recursos e a escassez de outros, ou seja o mundo todo, tal como era inteligido então.” (Jorge, Vítor 2003: 204)*

Um outro livro, *A Irrequietude das Pedras*<sup>13</sup>, é publicado no final de 2003. Pormenorizemos um pouco esta obra, já que, ela nos remete para reflexões importantes sobre o objeto da arqueologia, o papel social que ela deverá ter e o aparato conceptual que envolve a interpretação arqueológica e que culmina, poderemos afirmar, em reflexões interpretativas e muito pessoais sobre os sítios arqueológicos de Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento, tendo presente as respetivas formas de conceber o espaço.

Este livro representa uma coletânea de artigos que possui uma estrutura e arquitetura de pensamento una e alicerçada em vetores precisos. Desde logo a refutação da ideia de que existe uma dicotomia entre teoria e prática;

*“(...) quando andava no “campo” estava a pôr em prática uma teoria, e, quando tentava “teorizar”, estava a procurar perceber o que é que andava a fazer no campo.” (Jorge 2003: 37)*

Torna-se importante pensar sobre “dados arqueológicos”. Não de uma forma acumulativa, mas sim de uma forma questionadora. Como nos diz o autor, “pensar arqueologicamente”, englobando todas as questões, não diferenciando e/ou alimentando esta falsa dicotomia entre teoria e prática.

A teoria é um produto da prática, assim como a prática é um produto da teoria, são duas “técnicas” que caminham lado a lado, dialogando, interagindo e propondo mutuamente novos caminhos, novas abordagens. Daí, segundo o autor, a impossibilidade de se escrever uma teoria abrangente da “arqueologia”. (Jorge 2003: 37/38). Este conjunto de reflexões é suscitado num diálogo interessante com o pensamento do Professor Jorge de Alarcão.

A arqueologia hoje, deveria ser pensada em íntima relação com experiências específicas de campo, deveria ser conceptualmente construída em todos os seus momentos, com todos os seus especialistas, com a heterogeneidade que ela própria comporta.

Outro vetor que perpassa por todo o livro relaciona-se à problematização da arqueologia como um saber socialmente interveniente, nota-se a preocupação de pensar o papel do arqueólogo na sociedade.

<sup>13</sup> Jorge, Vítor Oliveira – *A Irrequietude das Pedras, Reflexões e experiências de um arqueólogo*, Edições Afrontamento, Biblioteca de Arqueologia, n.º 1, 2003, 195 pp.

A arqueologia é hoje, ou melhor, deveria ser hoje, um parceiro no conceito de educar para a cidadania, tem de ser um interlocutor do desenvolvimento sustentado, é uma disciplina que pela sua especificidade tem de arcar com responsabilidades na área da gestão de projetos e no ordenamento do território. Por outro lado, o arqueólogo enquanto cientista tem de ser incómodo, tem que pôr em causa

*“(...) tudo quanto parece óbvio e universal, incontestável”, (Jorge 2003: 49)*

sendo

*“(...) essa aliás, a atitude da ciência” (Jorge 2003: 49),*

*“(...) e a arqueologia é uma prática científica, uma forma de olhar o mundo que nos rodeia e de que fazemos parte (uma faceta da “cultura”), mas também cada vez mais uma profissão (um conjunto de técnicas e competências de que só os arqueólogos dispõem.)” (Jorge 2003: 89).*

O autor refere-se igualmente ao papel incómodo da arqueologia relacionada com estas questões;

*“(...) apercebi-me que a arqueologia era também um elemento de um espaço de controvérsia política (...) a arqueologia era, como a arquitectura, ou a engenharia, uma forma de actuação no território. Só que sem poder nenhum para o abranger, para disputar espaço aos poderes já instalados” (Jorge 2003: 37).*

E essa disputa tem de acontecer. A arqueologia para se tornar um saber socialmente interveniente, na acepção do autor, tem que tirar partido da sua heterogeneidade como disciplina exercida em vários tipos de situações e

*“(...) aceitar o desafio do diálogo com o mundo real” (Jorge 2003: 92).*

E uma forma de aceitar este desafio, leva-nos a outra ideia base que passa por este livro: A arqueologia como saber socialmente válido. Mas como? O autor responde-nos:

*“Fazer arqueologia em projetos de pesquisa, feitos em equipa, controlados pela mais minuciosa observação possível, partilhada e construída em grupo. Só assim é possível criar um saber socialmente válido” (Jorge 2003: 8).*

Hoje, como em 2003, esta afirmação é válida, senão mais relevante ainda. É necessário uma mudança de escala nos trabalhos de investigação a todos os níveis, incluindo a interdisciplinaridade e fazer circular a informação em todos os patamares e entre todos os intervenientes de um projeto de investigação<sup>14</sup>.

As reflexões sobre o que é o objeto da arqueologia está intimamente ligado ao que significa interpretar em arqueologia, o que é o registo arqueológico. Esta arqueologia mais crítica pode-nos oferecer a nós que temos pensado o sítio arqueológico, sugestões de trabalho e linhas de pesquisa, tratadas nesta obra. O conceito de objeto em arqueologia;

*"Entende-se por objectos, todo o mundo material que nos rodeia. Nesse mundo material (...) tem pouco interesse (...) distinguir entre o que é "natural", "geológico" ou "biológico" e o que é "artificial" construído ou alterado pelo ser humano"* (Jorge 2003: 12).

Desde os objetos privilegiados dos antiquários; às obras de arte, às moedas, às inscrições, até aos objetos inseridos numa arqueologia mais porosa em íntima relação com uma experiência de campo permeável por todos os outros "dados", por todos os outros especialistas, pelas estruturas isoladas, pelas arquiteturas, pelos espaços, pelos montes e vales, pelas bacias fluviais, aproximarmo-nos cada vez mais desses lugares, desses territórios, dessas paisagens.

No último capítulo do livro, o autor enumera um conjunto de reflexões acerca das estações arqueológicas de Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento, pondo em causa (como aliás também tem feito Susana Oliveira Jorge; 1994, 1998, 2002), conceitos perfeitamente estabelecidos no panorama atual da arqueologia portuguesa, não só à época, como ainda hoje. Estas reflexões pensam alternativas, discutem ideias e sugerem outras formas de conceber o espaço; a inserção paisagística/territorial destes sítios; a sua localização e significado em termos de investimento simbólico da paisagem; o afeiçoamento de um espaço físico em lugar significativo, ao qual poderemos acrescentar; novas formas de imposição na paisagem, imposição

---

<sup>14</sup> Algo que as escavações em Castanheiro do Vento sempre fizeram. Fomentar o diálogo, a discussão, a argumentação e contra-argumentação e acima de tudo valorizar a dúvida e encarar a certeza com muita cautela e hesitação. Sempre tentámos trabalhar e não esquecer como refere Vítor Jorge" (...) não se esqueçam de que a arqueologia não se faz com livros, nem ideias iluminadas. Faz-se com projectos de envergadura implantados no terreno. Faz-se com investigação. Faz-se com dor, faz-se em esforço com muito trabalho e persistência (...)." (Jorge 2003: 58)



essa, organizada pelas suas arquiteturas. Arquiteturas criadoras de espaço e de relações espaciais como forma de expressão social numa linguagem nova com uma gramática própria.

Mas a arquitetura, ou melhor, aquela arquitetura, não seria apenas um modo de elaboração material de representações, seria também um recetáculo de signos onde toda uma riqueza de significações simbólicas estaria ligada/ associada/ impregnada a determinados tipos de estruturas, espaços fechados e abertos, a passagens.

É neste conjunto de propostas de trabalho que uma ideia base assola constantemente este livro;

*“O que mais me importa é aproximar-me dos lugares, dos territórios, das paisagens (...)”* (Jorge 2003: 8).

Esta aproximação não é feita numa acepção da “arqueologia da paisagem”, ou da “arqueologia espacial”, mas sim numa perspectiva de que todos estes lugares são conceitos relacionais, são territórios com história, são espaços vividos, formando conjuntos de relações.

Em 2004, é publicado o primeiro estudo<sup>15</sup>, em forma de artigo, sobre a análise arqueozoológica recolhida. Este material é discutido sob um ponto de vista estritamente funcionalista, o que deixa em aberto um conjunto de interrogações interessantes.

Um texto de características diferentes dá à estampa na revista *Al-Madan* (Jorge, Muralha Cardoso, Pereira, Vale e Coixão 2005). Pela primeira vez, os autores abordam a morfologia construtiva de Castanheiro do Vento apresentando exemplos das “habitualmente designadas estruturas de condenação”.

Chamava-se a atenção para a necessidade de entender a arquitetura do sítio como

*“(...) uma unidade (simultaneamente divisível pela análise e recombinável constantemente pela nossa síntese interpretativa) de significações e objectivos, para depois contextualizar todos os outros achados dentro deste “cadinho” arquitectural”* (Jorge, Muralha Cardoso, Pereira, Vale e Coixão 2005: 34).

Neste texto ensaiava-se um trabalho de carácter mais contextual. As passagens do sítio arqueológico foram objeto de análise na sua totalidade;

---

<sup>15</sup> Cardoso, João Luís e Costa, Cláudia, (2004), “A Study on the faunal assemblage from the prehistoric enclosure of Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa)”, *Journal of Iberian Archaeology*, Volume 6, Braga, ADECAP, pp. 83-92.

arquitetural, estratigráfica, materialidades e implantação no sítio. Esta metodologia foi extremamente importante para se aferir a especificidade contextual de cada área e mesmo micro área e, para toda a equipa de coordenação se consciencializar de que procurar reconstituir “fases”, cada uma caracterizada por uma “fotografia” do estado do monumento e dos seus artefactos-tipo tem menos interesse, porque acaba por se sobrevalorizar certos supostos elementos diagnóstico” em relação a outros, hiper-valorizando “estilos” (de artefactos, de construções). O importante seria deixar de considerar estes sítios como contentores de peças divididas por camadas e olhar cada entidade arquitetónica individualizada e seguidamente tentar compor um quadro da gestação e uma moldura explicativa para o tipo de sociabilidades que nestes sítios se agenciaram.

Ainda em 2005, Vítor Jorge publica *Vitrinas muito iluminadas*<sup>16</sup>, uma obra onde reúne vários artigos com diferentes ideias. Para a temática aqui tratada, interessam-nos duas reflexões produzidas por aquele autor: a negação da ontologia dualista (natureza/cultura) que tem presidido a grande parte do pensamento ocidental, como se fosse uma realidade universal aplicável a todas as culturas e a forma como a arqueologia deverá ser olhada não tanto no sentido de construções feitas (*building*), mas sim, como espaços para serem habitados (*dwellings*), na linha do pensamento do antropólogo Tim Ingold. Estas reflexões encontram-se associadas ao conjunto de problemas que Vítor Jorge tão bem colocava desde meados dos anos 90 do século XX. O quadro interpretativo de Castanheiro do Vento torna-se o mote para reflexões abrangentes à pré-história do Norte de Portugal e especificamente à temática dos recintos. A ideia de “colina monumentalizada” impõe-se e deteta-se a diferente problemática que irá marcar os próximos anos:

*“(…) foi-nos possível, cada vez mais, perceber, desde 1999/2000, que estávamos perante locais que se integravam na problemática europeia dos recintos (neste caso de Foz Côa, colinas monumentalizadas com estruturas – de muros, plataformas, rampas/taludes – de argila e materiais perecíveis sobre alicerces de pedra) mais diversificada e complexa do que a do próprio “megalitismo.”*

*Tínhamos de arrastar epistemologicamente estes sítios da sua imagem tradicional, obcecada com as “fases de ocupação” e respectiva datação, e com os “materiais diagnóstico” de cada fase (sobretudo cerâmica, o tipo de artefacto mais abundante), para uma nova etapa, a do entendimento destes*

<sup>16</sup> Jorge, Vítor Oliveira, (2005), *Vitrinas muito iluminadas*, Porto, Campo das Letras.

*locais como dispositivos arquitectónicos próprios, com toda uma polissemia em óbvia relação com a paisagem” (Jorge 2005: 275).*

Entre o final de 2005 e 2007 foram publicados três artigos onde se problematizam diversos temas; as técnicas construtivas do dispositivo arquitectónico<sup>17</sup>, chamando a atenção para as estruturas sub-circulares (convencionalmente designadas “bastiões”) e a existência de interceções, representadas pelas passagens, até à síntese dos trabalhos arqueológicos de 2005, onde se enumeram e descrevem todas as novas estruturas arqueológicas componentes do sítio e se evidencia a complexidade crescente da estação arqueológica, o que de futuro exigirá uma análise cada vez mais profunda, à microescala, dos contextos específicos do sítio, e à macroescala, da arquitetura de Castanheiro do Vento, ou seja, a relação do local com o espaço<sup>18</sup>.

O terceiro artigo foi integrado nas Actas da 10.ª mesa-redonda da Primavera (2006), subordinada ao tema, *Terra: Forma de Construir, Arquitectura, Antropologia, Arqueologia*. Este artigo, na sequência da apresentação em forma de comunicação, chamava a atenção para dois aspetos interessantes dos trabalhos em Castanheiro do Vento; a multiplicidade de olhares sobre o sítio, onde se tentava transmitir a ideia de que estes lugares estão inseridos num território que se

*“(...) traduz num imbricado de relações entre pessoas e sítios, locais vividos por indivíduos diferentes, e por isso com múltiplos sentidos e significados” (Vale, Cardoso e Jorge 2006: 100)*

e a valorização da construção em terra a par da utilização da pedra;

*“Ambos se interligam, coexistem, fazem parte do local. Ambos moldam o sítio, num jogo de substâncias e forças onde intervêm a madeira e a água” (Vale, Cardoso e Jorge 2006: 104).*

No ano de 2008 são agregados à equipa de investigação, como coordenadores da intervenção arqueológica, Bárbara de Sá Carvalho e Sérgio

<sup>17</sup> Jorge, Muralha, Pereira, Vale e Coixão, (2008), “Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Algumas reflexões sobre estratégias de organização do espaço neste recinto monumental pré-histórico”, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, Setembro de 2004, Faro, Universidade do Algarve.

<sup>18</sup> Jorge, Muralha, Pereira, Vale e Velho, (2005), Sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): principais conclusões das escavações de 2005, Portugal, Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Gomes. É neste mesmo ano que dão à estampa dois artigos inseridos nas Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior<sup>19</sup> e no Fórum Valorização e Promoção do Património Regional<sup>20</sup>. No primeiro artigo, é dado ênfase à estreita ligação entre investigadores de dois sítios arqueológicos alvo de escavação; Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento. Analisa um pequeno conjunto de observações que toda uma vasta equipa vem discutindo: a ideia de colina monumentalizada; a plasticidade da construção dos sítios utilizando uma mescla de vários elementos (terra, pedra, madeira, água); a diversidade de leituras do chamado “registo arqueológico”; caso das várias deposições e condenações registadas; a arquitetura como teia de ação e não como elemento construído. É interessante notar que muitas destas reflexões são fruto de discussões entre as várias equipas e os vários colaboradores da escavação.

O segundo artigo problematiza dois conceitos muito importantes; temporalidades e espacialidades. Estes conceitos são discutidos em termos de regime interpretativo, onde se salienta a resistência ao estabelecimento de sentidos unívocos sobre determinada materialidade:

*“Espacialidades e temporalidades são, deste modo, conceitos que cruzam dimensões espaciais e temporais no sentido de destacar a fluidez do nosso objecto de estudo. O cruzamento do espaço e do tempo pode operar-se de distintos modos, dependendo das sociabilidades em curso nesse processo. Com efeito considera-se que a experiência do tempo e do espaço depende sempre do que se está a fazer, sendo que nesse fazer, nessa tecitura se cruzam elementos que a atitude analítica, subjacente a pesquisa em Arqueologia tende a abordar em separado. Assim, o Castanheiro do Vento, enquanto dispositivo comunicacional ao serviço da identidade e da territorialização, pode ser entendido enquanto um elemento duma profusa rede de ligações sob as quais as comunidades habitaram um território; enquanto um lugar de transformações de materiais, de recriação dessas ligações, de múltiplas espacialidades e temporalidades.”* (Vale, Gomes, Carvalho, Muralha, Pereira, Velho, e Jorge, 2008: 38).

<sup>19</sup> Baptista, L., Gomes, S., Jorge, S., Jorge, V., Muralha, J., Oliveira, L., Pereira, L., Vale, A., Velho, G. e Vieira, A. (2008), “Uma história de dois vizinhos ao longo de 17 anos: Castelo Velho e Castanheiro do Vento (1989-2006)”, *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, Porto, ACDR, pp. 120-135.

<sup>20</sup> Vale, A., Gomes, S., Carvalho, B., Muralha, J., Pereira, L., Velho, G. e Jorge, V., (2008), “Temporalidades e Espacialidades do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)”, *Fórum Valorização e Promoção do Património Regional*, Porto, ACDR, pp. 32-41.

Podemos agora afirmar que todo este conjunto de artigos e reflexões, a par das inúmeras comunicações efetuadas, teria que desaguar na apresentação de um outro conjunto de obras académicas de maior fôlego e reflexão. Foi o caso da apresentação das provas públicas de mestrado de Cláudia Costa e dos doutoramentos de João Muralha Cardoso e Ana Vale, a primeira colaboradora na área da arqueozologia e os segundos coordenadores da intervenção arqueológica.

A dissertação de mestrado de Cláudia Costa resulta do estudo dos restos faunísticos recolhidos até à campanha de 2006. Estes restos apresentavam uma baixa percentagem de material identificável e um índice de fragmentação muito elevado. Perante esta situação aliada a um processo de sedimentação muito lento, a autora ensaia uma abordagem tafonómica, tentando reconstruir os diferentes fenómenos responsáveis pela perturbação das acumulações originais de ossos. Concluí que a erosão e a manipulação foram os agentes responsáveis por esta situação. Tendo em conta as observações dos trabalhos arqueológicos, de que este sítio parece ter sido constantemente alvo de construções e reconstruções sucessivas, onde a argila e a pedra desempenhavam um papel importante, associado à sua localização no topo de uma colina com um processo de sedimentação muito lento, concluí que os conjuntos recolhidos são maioritariamente acumulações secundárias. Em 2011, e com o continuar do estudo dos restos arqueozoológicos, publica um interessante artigo<sup>21</sup> onde expande as observações feitas no seu trabalho académico. Nesse trabalho coloca a hipótese do uso de ossos animais como combustível. O conjunto faunístico continuava com uma percentagem muito baixa de material identificável e cerca de 90% dos ossos apresentava-se calcinado e bastante fragmentado. As observações são preliminares, pois a literatura arqueológica existente, é maioritariamente relacionada a comunidades de caçadores recolectores e os contextos escavados em Castanheiro do Vento, ainda não permitem uma reflexão mais persistente.

Em 2008 é defendida a tese de doutoramento de João Muralha Cardoso<sup>22</sup>, orientada por Vítor Oliveira Jorge. Este trabalho centrava-se primeiro, no estudo do recinto monumental de Castanheiro do Vento e depois, assumia-se como um trabalho de âmbito regional. Pretendia-se sistematizar o conheci-

---

<sup>21</sup> COSTA, Cláudia M. Cordeiro da, (2011), "A gestão do fogo em Castanheiro do Vento: a possível utilização dos ossos de animal como combustível", *Actas de las II jornadas de los Jóvenes Investigadores em Arqueologia*, pp. 309-320.

<sup>22</sup> Cardoso, João Muralha (2011) *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa – Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Maiorca, Editorial Vessants.

mento do sítio, da sua realidade arquitetural e através da prospeção entre o rio Torto e a ribeira de Aguiar propor uma reflexão sobre os sítios/lugares do 3.º e primeira metade do 2.º milénio AC. Esta investigação parte de uma base de trabalho essencialmente reflexiva, já existente. A investigação deste “território” vinha avançando com novos temas e diferentes abordagens que se vão implementando e sugerindo outras interpretações, substituindo ideias “certas” por outras problematizantes, os dogmas pelas dúvidas, as certezas pelas incertezas de múltiplos discursos sobre “um passado”, que se assumem, em certa medida, como ruturas epistemológicas ao nível interpretativo.

São convocados para este texto um conjunto de autores que nos obrigaram a refletir incessantemente sobre problemáticas que há partida não ofereciam dúvidas; James Gibson, Tim Ingold, Julian Thomas, Vítor Oliveira Jorge e Susana Oliveira Jorge. Tornava-se necessário quebrar dicotomias de pensamento. A importância de englobar o mundo físico como meio habitado e não distingui-lo do meio ambiente, pois a sua percepção e cognição está incluída no próprio mundo físico. Este não deveria ser considerado uma “entidade” separada, uma realidade apenas matemática/mensurável, mas sim uma “entidade” percecionada e conhecida num contínuo processo dialógico com as comunidades. O meio, os lugares de uma determinada comunidade não se esgotam como seu suporte de ação social, nem como exploração de recursos económicos. Segundo estes parâmetros, a dicotomia convencional entre o que nos é dado naturalmente, e o que construímos culturalmente, é ultrapassada.

As observações interligam-se entre o trabalho no sítio e as reflexões efetuadas quer em campo, quer em texto escrito. A ênfase é dada na análise das estruturas e na elaboração de diversas tipologias sobre aqueles elementos definidores e estruturadores do espaço. Outro aspeto essencial relaciona-se com a atenção dada às técnicas de configuração do sítio arqueológico e à sua diversidade estrutural. Os pontos mais importantes prendem-se com os materiais utilizados (xisto, granito, quartzo, quartzito, terra/argila, materiais perecíveis e água). As técnicas de configuração de Castanheiro do Vento incluem todos estes materiais num processo de interligação, de coexistência, moldando continuamente o sítio que não se reportaria exclusivamente ao topo da colina. Este, abrangeria todo o monte, num “todo significante” porque provavelmente, as estruturas de carácter monumental continuariam pelas encostas e os afloramentos rochosos que serviriam de pedra e aqueles deixados intactos constituiriam “marcos” espaciais importantes no acesso ao topo do sítio. Ao refletirmos sobre Castanheiro do Vento é importante olhar a sua “arquitetura” como uma rede de ações processadas em diversos tempos, uma rede

com uma dimensão temporal. A temporalidade de constantemente elaborar e re-elaborar os espaços constitutivos do sítio, será um dos aspetos mais importantes na compreensão da sua dinâmica de estruturação. Não numa dinâmica “construtiva” entendida como o objetivo final, mas inserida num processo contínuo de vivências no local, de intersecção de tarefas, de ações ao longo do tempo que criam aquilo que Ingold chama de *taskscapes*. Para tentarmos dar algum significado aos diversos pormenores configurativos detetados em Castanheiro do Vento temos de deixar de pensar o sítio como um objeto arquitetural cuja construção era o objetivo em si. O processo não era construir, a ação não era edificar, as redes de encontros no local não eram de carácter técnico-construtiva. O processo, ou melhor, os processos espaciais e temporais acontecidos no sítio, as diversas atividades interligadas, sobrepostas ou individualizadas, faziam parte da vida das comunidades, fazendo parte da sua estruturação. Ao participarem activamente na configuração e organização do sítio, estas comunidades estavam elas próprias a constituírem-se através de múltiplas ações; rede de ligações sociais, partilha de tarefas, negociação de papéis, mediação de conflitos e eventualmente a emergência de elites que se tornariam importantes como operadoras de um diálogo intracomunitário e mesmo entre comunidades.

A constatação da diversidade estrutural do sítio, levou-nos a tentar refletir além da dicotomia natural/cultural olhando a “arquitetura” de Castanheiro do Vento como um processo fluído de “habitar” um espaço, um processo entretido de ações complexas entre esse espaço, as suas disponibilidades, as suas condições, a sua topografia e os próprios agentes humanos. Desta forma, ações como; a preparação do terreno configurado com uma base de terra/argila batida, os afloramentos utilizados como pedra, deixando outros intactos, a procura de árvores, de arbustos e de certas materialidades constitutivas do sítio, tornam-se tanto arquitetura como a elaboração dos muretes, a colocação de postes, a utilização da terra como infraestrutura e ligante. São criadas estruturas, são criados espaços, ao mesmo tempo que são criados ritmos temporais, não só no processo de elaboração, como no próprio processo de organização espacial do sítio. O ato de elaborar/configurar/manter um espaço torna-se uma atividade recorrente num processo de socialização constante.

A definição de arquitetura é aqui considerada num sentido mais orgânico, mais acumulativo, que envolve uma comunidade inserida e imbuída no seu mundo, onde o ato de “construir” parece ser um ato de “habitar”. Habitar, transformando a colina com elementos pétreos, madeira e água, habitar como estruturação espacial de uma comunidade, habitar como atividade coletiva,

habitar como elaborar, configurar, reconfigurar espaços onde o sentido coletivo se estabilizasse e socialmente se reproduzisse.

Outro aspeto deste trabalho, na esteira de reflexões de Vítor Jorge e Susana Jorge, prendia-se à necessidade de rever o processo interpretativo de algumas questões: “povoados fortificados”, “territórios fortificados” e “modelos de ocupação do espaço”. A reflexão posteriormente elaborada teve em conta uma reconceptualização dos sítios arqueológicos identificados à luz de outras “categorias”: recintos (“colinas monumentalizadas”), especificidades geomorfológicas e sítios com provável ocupação mais ou menos permanente. “Olhámos” o território tentado relacionar os diversos lugares identificados com as grandes imposições da superfície geomorfológica, com os rios, com vales abertos e fechados, com meandros de rios ou ribeiras e seguidamente com a totalidade da “paisagem”. Tivemos consciência dos diversos ritmos existentes ao nível de escalas de análise (uma mais geral e outra mais particular), das diferentes dinâmicas (a “configuração” e manutenção do lugar de Castanheiro do Vento e a sua relação com a “paisagem”) e diferentes interações (entre os diferentes lugares). Esta variabilidade de escalas sugere várias dinâmicas temporais e estruturantes de um território. Território esse, que se nos apresenta em permanente “construção” ao longo dessas diferentes temporalidades.

Por fim em 2012, Ana Vale defende publicamente a sua tese de doutoramento<sup>23</sup>. Este trabalho representa uma rutura epistemológica concreta a muitas das propostas explicativas que se têm vindo a fazer para sítios similares na Península Ibérica. São possibilidades interpretativas, tecidas entre a dúvida, a colocação de questões e a constatação de vários impasses e tensões. Este trabalho permitiu à autora, entreabrir frestas interpretativas, na tentativa de encontrar uma outra forma de pensar a arqueologia, de pensar a representação arqueológica. A reflexão proposta, parte da ideia de que a Arqueologia não escreve uma história contínua que justifique o percurso humano desde a Pré-história até hoje; a Arqueologia não é a busca das origens e o registo arqueológico não pode ser traduzido num discurso cópia do que realmente aconteceu. De seguida, desconstrói o modelo explicativo geralmente aceite para estes sítios arqueológicos da Península Ibérica, “os povoados fortificados”, através de um olhar relativo à sua representação icónica e textual, através dos preconceitos de género e introduz o conceito de estranheza. A reflexão sobre a arquitetura e a organização do espaço traz-nos novas considerações acerca da prática construtiva introduzindo o conceito de “tradições de práticas”.

---

<sup>23</sup> Vale, A. M. (2012) – *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.ª N.ª de Foz Côa)*. Porto: FLUP (Dissertação de Doutoramento, Policopiada).



A grande importância deste trabalho remete-nos para as dificuldades, os ruídos, os impasses interpretativos que o trabalho do arqueólogo comporta. No entanto neste caso, essas dificuldades, esses impasses não deverão ser traduzidos como impossibilidades interpretativas, mas sim, como desafios, como possibilidades de trabalho minucioso, detalhado e constantemente refletido que nos permitirão continuar a fazer parte da biografia de um sítio arqueológico como Castanheiro do Vento.

### **Bibliografia**

(Mais ou menos extensa sobre o que se publicou relativo a Castanheiro do Vento ou onde este é mencionado).

ARNAUD, J. M, MURALHA, J. & ESTORNINHO, A., (1991), "Intervenções Arqueológicas nas áreas a florestar pela Celbi", *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 69-74.

BAPTISTA, L., GOMES, S., JORGE, S., JORGE, V., MURALHA, J., OLIVEIRA, L., PEREIRA, L., VALE, A., VELHO, G. e VIEIRA, A. (2008), "Uma história de dois vizinhos ao longo de 17 anos: Castelo Velho e Castanheiro do Vento (1989-2006)", *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, Porto, ACDR, pp. 120-135.

BARBOSA, Rui Filipe Mendes, (2003), A estrutura C de Castanheiro do Vento, Análise dos materiais cerâmicos e líticos, Relatório de Seminário de Projecto, Licenciatura em Arqueologia, edição electrónica.

BORGES, Nelson, (2003), A estrutura B de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa, Relatório de Seminário de Projecto, Licenciatura em Arqueologia, edição policopiada.

CARDOSO, J. Luís. e COSTA, C., (2004), "A study on the faunal assemblage from the prehistoric enclosure of Castanheiro do Vento, (Vila Nova de Foz-Côa)", *Journal of Iberian Archaeology*, Volume 6, Braga, ADECAP, pp. 83-92.

CARDOSO, João Luís, (2002), *Pré-História de Portugal*, Lisboa, Editorial Verbo.

CARDOSO, João Muralha (2011) *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa – Um Recinto Monumental do III.º e II.º milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Maiorca, Editorial Vessants.

CARDOSO, João Muralha., CARVALHO, B., VALE, A., GOMES, S., JORGE, V. e VELHO, G., (2009), "Intervenção arqueológica em Castanheiro do Vento", *Côavisão*, 11, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Foz Côa, pp. 149-164.

CARVALHO, António Faustino, (2003), "O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 996-2000)", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 6, número 2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 229-273.

CARVALHO, António Faustino, (2004), "O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do PAVC)", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 7, número 1, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 185-219.

CARVALHO, Bárbara Rafaela Pinto de Sá, (2005), *O desenho na escavação de Castanheiro do Vento Vila Nova de Foz Côa*, Relatório de Seminário de Projecto, Licenciatura em Arqueologia, edição policopiada.

COIXÃO, António do Nascimento Sá, (1996), *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

COIXÃO, António do Nascimento Sá, (1999), *A ocupação humana na Pré-história recente na região de entre Côa e Távora*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

COSTA, Cláudia M. Cordeiro da, (2007), *Zooarqueologia e tafonomia de Castanheiro do Vento*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas da Universidade do Algarve, texto policopiado.

COSTA, Cláudia M. Cordeiro da, (2008), "Aspectos tafonómicos em Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) com base no estudo da arqueofauna", *Promontória*, 6, pp. 159-221.

COSTA, Cláudia M. Cordeiro da, (2011), "A gestão do fogo em Castanheiro do Vento: a possível utilização dos ossos de animal como combustível", *Actas de las II jornadas de los Jóvenes Investigadores em Arqueologia*, pp. 309-320.

CUNHA, Gustavo, (2004), *Contributo para o conhecimento das técnicas de construção de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)*, Relatório de Seminário de Projecto, Licenciatura em Arqueologia, edição electrónica.

estudo dos resultados das primeiras campanhas de trabalhos (1998-2000)", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XLIV, Fasc. 3-4, Porto, SPAE.

GASPAR, Clara, (2004), Um Espaço específico de Castanheiro do Vento, (V.<sup>a</sup> N.<sup>a</sup> de Foz-Côa), A Estrutura D – Materiais e Ocupação, Relatório de Seminário de Projecto, Licenciatura em Arqueologia, edição policopiada.

JORGE, Susana Oliveira (1990), "Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios", *Nova História de Portugal*, direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, vol.1, Portugal das Origens à Romanização, coordenação de Jorge de Alarcão, Lisboa, Editorial Presença, pp. 214-258.

JORGE, Susana Oliveira (1994), "Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do calcolítico peninsular", *Separata da Revista da Faculdade de Letras*, II Série, Vol. XI, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 447-546.

JORGE, Susana Oliveira (1999), *Domesticar a Terra*, Lisboa, Gradiva.

JORGE, Susana Oliveira (2000), "Introdução: breve evolução da Pré-história recente do Norte de Portugal (do VI.<sup>º</sup> ao II.<sup>º</sup> milénio A.C.)", *Pré-História Recente da Península Ibérica*, Actas do 3.<sup>º</sup> Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. IV, Porto, ADECAP, pp. 7-12.

JORGE, Susana Oliveira (2002), "Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal", *Património, estudos*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 145-164.

JORGE, Susana Oliveira (2003), "A Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Pré-História do Norte de Portugal: notas para a história da investigação dos últimos vinte e cinco anos", *Livro de Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Livraria Civilização, pp. 1453-1482.

JORGE, Susana Oliveira (2003), "Cenografias monumentais pré-históricas: tópicos para uma reflexão", *Arquitectando Espaços: da Natureza à Metapolis*, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, pp. 63-84.

JORGE, Susana Oliveira (2003), "Da Cenografia pré-histórica à cenografia patrimonial: o caso de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)", *Arqueologia e História*, Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Volume 55, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 167-175.

JORGE, Susana Oliveira (2003), "Pensar o espaço da Pré-História recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica", *Recintos Murados da Pré-história Recente*, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, pp. 13-50.

JORGE, Vítor. e JORGE, Susana (2000), A "monumentalização" das paisagens durante a pré-história, *Era Arqueologia*, n.º 1, Lisboa, *Era Arqueologia e Colibri*, pp. 100-111.

JORGE, Susana Oliveira e JORGE, Vítor Oliveira (2005), "Agricultores e Pastores fixados no território[do Neolítico médio ao Bronze médio]", *História do Douro e do Vinho do Porto*, História Antiga da Região Duriense, Volume 1, coord. de Carlos Brochado de Almeida, Porto, GEHVID e Edições Afrontamento, pp. 108-165.

JORGE, Susana Oliveira e JORGE, Vítor Oliveira (2005), "Sociedades hierarquizadas [Bronze final]", *História do Douro e do Vinho do Porto*, História Antiga da Região Duriense, Volume 1, coord. de Carlos Brochado de Almeida, Porto, GEHVID e Edições Afrontamento, pp. 166-179.

JORGE, Susana Oliveira Jorge (2005), *O Passado é Redondo, Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*, Biblioteca de Arqueologia, Porto, Edições Afrontamento.

JORGE, Susana Oliveira, JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá, (2004), "Reflexões preliminares a propósito de formas de organização do espaço e de técnicas de construção em sítios pré-históricos recentes (Calcolítico/Idade do Bronze) do tipo de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins", *Sinais de Pedra – 1.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica*, Évora, Janeiro de 2003, edição electrónica.

JORGE, Susana Oliveira, JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá, (2005), "Preliminary considerations on forms of spatial organization and construction techniques in late prehistoric sites (Chalcolithic/ Bronze Age) of the type of Castelo Velho and Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – resemblances and differences in comparison with megalithic and similar constructions", *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 7, Porto, ADECAP, pp. 101-124.

JORGE, Vítor Oliveira (2006), "Copper Age "monumentalized hills" of Iberia: the shift from positivistic ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques of transforming place and space as results of research experience in the NE Portugal" *Approaching "Prehistoric and Protohistoric Architectures" of Europe from a Dwelling Perspective*, Journal of Iberian Archaeology, vol.8, ed. by Vítor Jorge, with the assistance of João Muralha Cardoso, Ana Margarida Vale, Gonçalo Leite Velho e Leonor Sousa Pereira, Porto, Adecap, pp. 203-264.

JORGE, Vítor Oliveira (2003), *Olhar o Mundo como Arqueólogo*, Coimbra, Quarteto.

JORGE, Vítor Oliveira (2002), "Arqueologia dos monumentos da Pré-história recente, Algumas sugestões interpretativas", *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, pp. 15-26.

JORGE, Vítor Oliveira (2003), *A Irrequietude das Pedras, Reflexões e experiências de um arqueólogo*, Col. Biblioteca de Arqueologia, Porto, Edições Afrontamento.

JORGE, Vítor Oliveira, (2005), *Vitrinas Muito Iluminadas, Interpelações de um Arqueólogo à Realidade que o Rodeia*, Porto, Campo das Letras.

JORGE, Vítor Oliveira, (2006a), "Breve reflexão sobre alguns Problemas das Arquitecturas Pré-históricas", *Actas da 10.ª Mesa-Redonda da Primavera, TERRA: Forma de Construir Arquitectura-Antropologia-Arqueologia*, Lisboa, Vila Nova de Cerveira, Argumentum, Escola Superior Galaecia, pp. 106-111.

JORGE, Vítor Oliveira, (2006b), *Fragmentos, Memórias, Incisões, Novos contributos para pensar a arqueologia como um domínio da cultura*, Lisboa, Edições Colibri.

JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2002), "Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/Bronze age sites in northern Portugal", *Monuments and Landscape in Atlantic Europe* (ed. Chris Scarre), Londres, Routledge, pp. 36-50.

JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2002), "Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro)", *Côavisão, Cultura e Ciência*, 4, pp. 73-93.

JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003), "O Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003, Portugal", *Nova Série*, vol. XXIV, Porto, DCTP, FLUP, pp. 5-24.

JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003), "Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa", *Côavisão, Cultura e Ciência*, 5.

JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003), "Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998-2002)", *Journal of Iberian Archaeology*, Vol. 5.

JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003), "A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (V.<sup>a</sup> N.<sup>a</sup> de Foz Côa)", *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, pp. 79-114.

JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá, VALE, Ana Margarida (2004), "O recinto monumental pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.<sup>a</sup> N.<sup>a</sup> de Foz Côa), após os trabalhos de 2003. Breve relatório, *Côavisão*, 6.

JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, VALE, Ana e VELHO, Gonçalo, (2007), "Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Breve relatório da campanha de escavação de 2006", *Côavisão*, n.º 9, pp. 251-268.

JORGE, Vítor Oliveira, CARDOSO, João Muralha, VALE, Ana e VELHO, Gonçalo, CARVALHO, Bárbara e GOMES, Sérgio, (2008), "Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Campanha de de 2008", *Côavisão*, n.º 10, pp. 235-246.

JORGE, Vítor Oliveira, MURALHA, João, PEREIRA, Leonor Sousa e COIXÃO, António Sá (2003), "Campanha de escavações arqueológicas do ano de 2002 no sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)", *Côavisão*, n.º 5, pp. 99-132.

JORGE, Vítor Oliveira, MURALHA, João, PEREIRA, Leonor Sousa, VALE, Ana, VELHO, Gonçalo e COIXÃO, António Sá (2006), "Relatório das escavações arqueológicas do ano de 2005 – Sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)", *Côavisão*, n.º 8, pp. 185-204.

JORGE, Vítor Oliveira, MURALHA, João, PEREIRA, Leonor Sousa, VALE, Ana e COIXÃO, António Sá (2005a), "Morfologia Construtiva do Recinto pré-histórico de Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas "estruturas de condenação", *Almadan*, II série, n.º 13, pp. 25-35.

JORGE, Vítor Oliveira, MURALHA, João, PEREIRA, Leonor Sousa, VALE, Ana e COIXÃO, António Sá (2005b), "Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Balanço sucinto de seis anos de trabalho neste recinto monumental pré-histórico", *Côavisão*, *Cultura e Ciência*, n.º 7, pp. 61-67.

JORGE, Vítor Oliveira, MURALHA, João, PEREIRA, Leonor Sousa, VALE, Ana e COIXÃO, António Sá, (2008), "Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Algumas reflexões sobre estratégias de organização do espaço neste recinto monumental pré-histórico", *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro, Setembro de 2004, Faro, Universidade do Algarve.

MURALHA, J., CARVALHO, B., VALE, A., GOMES, S., JORGE, V., (2012), "Síntese dos trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento. Campanha de 2011", *Côavisão*, 14, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Foz Côa, pp. 131-138.

MURALHA, J., CARVALHO, B., VALE, A., GOMES, S., JORGE, V., e JORGE, S., (2010), "Síntese dos trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento. Campanha de 2011", *Côavisão*, 12, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Foz Côa, pp. 111-117.

MURALHA, João, VALE, Ana, JORGE, Vítor Oliveira, PEREIRA, Leonor Sousa e VELHO, Gonçalo, (2005), "Sítio Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): principais conclusões das escavações de 2005", *Portugália*, Nova Série, vol. XXVI, pp. 41-52.

PINHEIRO, Rui (2008), *Cerâmica do bastião I de Castanheiro do Vento*, Palma de Maiorca, Vessants, Arqueologia i Cultura.

QUEIRÓS, Adélia (2007), *Contributos para o estudo da estrutura sub-circular n.º 3 do sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)*, 2 volumes, Relatório de Seminário de Projecto, Licenciatura em Arqueologia, edição policopiada.

VALE, A., GOMES, S., CARVALHO, B., MURALHA, J., PEREIRA, L., VELHO, G. e JORGE, V., (2008), "Temporalidades e Espacialidades do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)", *Fórum Valorização e Promoção do Património Regional*, Porto, ACDR, pp. 32-41.

VALE, A., MURALHA, J., CARVALHO, B., GOMES, S., JORGE, V., (2011), "Trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento. Intervenção de 2010", *Côavisão*, 13, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Foz Côa, pp. 149-158.

VALE, A. M. (2012), *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro Do Vento (Horta Do Douro, V.ª N.ª De Foz Côa)*. Porto: FLUP (Dissertação De Doutoramento, Policopiada.

VALE, Ana Margarida, (2003), *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.ª N.ª de Foz-Côa)*, Contributo para o Estudo dos Resultados das Primeiras Campanhas de Trabalho (1998-2000), dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

VALE, Ana Margarida, (2003), *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.ª N.ª de Foz-Côa)*, Contributo para o Estudo dos Resultados das Primeiras Campanhas de Trabalho (1998-2000), dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

VALE, Ana Margarida, CARDOSO, João Muralha e JORGE Vítor Oliveira, (2006), "Recintos Murados e/ou Colinas Monumentalizadas no Nordeste de Portugal? O Caso de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa", *TERRA: Forma de Construir*, editado por Mariana Correia e Vítor Oliveira Jorge, Lisboa, Argumentum, pp. 98-105.

VALERA, António Carlos, (2006), *Calcolítico e Transição para a Idade do Bronze na Bacia do Alto Mondego: Estruturação e Dinâmica de uma rede local de Povoamento*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dois volumes, edição policopiada.